

## Mulher da blusa branca e saia preta

Nelcides: O que aconteceu comigo é de terror, e essa história é verdadeira.

Eu tenho uma irmã chamada Nilda, e nós éramos muito unidas. Aí um certo tempo depois, que meu pai morreu, começamos a brigar muito.

A minha mãe falava assim: “Não, eu não tô feliz com vocês porque vocês estão brigando muito depois que seu pai morreu. Não deveria brigar, porque quando seu pai era vivo, vocês não faziam isso.” Aí nós obedecemos, porque a gente tinha medo também. Ela deu umas puxadas de vara e nós obedecemos.

Quando foi no outro dia, aí nós pedimos ela para ir tomar banho no rio. Ela não deixava. E não é porque ela não queria que a gente fizesse banhar no rio. Era medo da gente. Porque brigava muito, o medo era de uma fazer arte com a outra lá. Porque ela não podia ficar olhando. Nós era criança.



No dia seguinte, pedimos de novo, e ela deixou. Aí nós fomos. Quando chegou lá, o que que nós duas fizemos? Nós montamos uma na outra, uma tentando afogar a outra. E ela viu de

lá e desceu correndo. Mas enquanto ela desceu, apareceu uma mulher de roupa, saia preta e blusa branca em cima da pedra. E falou assim: “não briga”. Nós achamos que isso era a nossa avó ou então a nossa tia. Falou: “não briga. A sua mãe tá chegando”.

E por isso nós não matamos umas anzotas tentando afogar dentro da água. Porque essa mulher apareceu pra nós. Mas nós não tivemos coragem de voltar nesse rio mais nunca sozinhas. Até hoje que eu passo lá, eu enxergo essa mulher em cima daquela pedra. Não gosto nem de ir por lá. Porque pra mim aquela mulher que tá lá naquela pedra nunca saiu de lá.

Luana (Entrevistador):

Mas você reconhece?

Nelcides: Reconheço, não vejo a face. Eu vejo a roupinha, o corpinho.

Ou é minha avó ou é minha tia. Aí, né? Fico olhando e acho uma coisa de doido. Depois disso, minha mãe chegou, fez nós ir



embora. Só foi no outro dia, nós tava escondidinho de minha mãe. E fomo pro rio. Ô minha filha, quando chegamos lá, a mulher estava de novo na pedra. Com medo, saímos correndo. Eu consegui ir na frente; minha irmã ficou para trás. Havia um moleque preto atrás dela, pulando, e ela gritava sem parar. E eu olhava e eu vi o moleque também. E ela gritando e aquele trem tentando pegar ela. Aí quando passou dali um mês, minha irmã adoeceu. Ela adoeceu e depois disso, ela teve uma febre. E aí deu um negócio... assim, parece que mexeu com o psicológico dela. Aí deu nela uma doença que chama alopecia. Vocês vê ela aqui, ela não tem cabelo. Segundo os médicos que fez o tratamento, eles falam que... a gente contou essa história, né? Que foi o susto, o medo mexeu com o psicológico dela. E que às vezes era até do nosso imaginar o que vimos.

Nunca mais voltamos àquele rio. Até hoje tenho medo de passar lá. Pra mim, aquele lugar tem algo errado.

Luana (Entrevistador): Qual o nome da sua irmã, tia?

Nelcides: Nilda, que trabalha aqui na biblioteca. Se perguntar pra ela, ela conta pra vocês.

Acho que era nossa tia, que já morreu. Quando a gente era pequena, nós tinha um cabelo muito grande, eu e minha irmã, essa que eu tô te contando. Aí a gente pegava piolho — era uma coisa que não acabava mais. Em vez dela cuidar do nosso cabelo, ela cortava tudo. A gente ia pra escola de cabelo raspado e era muito discriminada. Porque os meninos danavam tudo a discriminar nós, porque a gente tinha o cabelão, e depois a gente não tinha nada — o cabelo tava rapado no zero. Mas era pra tirar os piolhos, porque pegava e começava a fazer



aquele monte de broto, de tanto piolho. Aí, um dia, menina, ela (Tia) morreu. E a gente acredita que foi até por essas doenças que ainda tem hoje no mundo. Ela morreu e deixou dois filhos — que vocês conhecem: um é o Kinka, e o outro é o irmão dele, Josimar.

meninos ficaram pequeninhos. Cuidados por a minha madrinha Adelaide. Que é a mulher do Zequinha. Aí, um dia, eu trabalhava na escola lá de Estiva e como eu tinha medo de passar de noite sozinha que era uma estrada bem coisa. Eu levava o Kinka comigo.

Aí, um dia, na estrada, eu levando ele, subindo a ladeira. Falei pra ele: “Você vê como é que é as coisas? Hoje, nós damos tanto carinho... Vocês perderam a mãe de vocês, e nós

cuidamos de vocês com tanto carinho. E ela judiava tanto de nós. Cortava nosso cabelo, a gente chorava e ela cortava — porque nossa mãe não cortava. A gente chorava, ela batia na gente e cortava por causa dos piolhos. Mas nós não vai fazer maldade com vocês.” Hoje, a gente podia estar fazendo maldade com os filhos dela, mas a gente tá cuidando.

Menina, eu tava montada na mula. Só via a mula. E eu esporeava. Essa mula não ia. Aí eu vi coisa com a cancela lá em cima. Tava batendo. Não aparecia ninguém. Essa cancela batia de novo. A mula bufava. E eu tocava a mula. A mula não ia. Ele disse: “O que acontece é que essa mula vai pular comigo.” Ele desceu da garupa. Quando ele desceu da garupa — menina — a mula foi sartando, foi sartando. A mula bufava. Um pouco veio aquela voz e falou assim:

“Olha, você está falando de judiar do meu filho?”

E eu respondi: “Eu não tô falando de judiar de ninguém, não. Só tô dizendo que eu até deveria, porque fui muito judiada. Mas se é você que tá fazendo isso com o meu animal, pode sair da garupa dessa mula e sair do meu caminho, porque eu preciso ir!”

Credo! Aquele trem falava assim. A gente não passava nada. Eu esporava, dei volta pra trás. Nem aula eu fui dar. E fiquei dias sem poder passar por aquela estrada. Toda vez que eu ia, lembrava daquilo. Não consegui mais passar. Até hoje eu lembro da mula empacada, pulando.

Antigamente tinha umas coisas feias. As pessoas não eram iguais hoje. Hoje também tem coisa feia, mas os estudos foram avançando. Tem lugar para o povo. As pessoas que têm... ou que sejam... que desenvolvem esses espíritos nelas, tem um lugar pra ficar. Não é como antigamente. Tem centro de recuperação, tem quem saiba lidar com esse tipo de coisa. Só que antigamente não tinha. É igual esses meninos especiais. Antigamente, esses meninos não tinham vez. Se vocês lerem, desde os tempos primordiais, sobre a educação espiritual, vão ver que esses meninos não eram tratados como hoje. É ser humano igual a gente. E o povo excluía, achava que a pessoa não tinha direito de viver. A mesma coisa com esses espíritos imundos. Esses espíritos... se a gente ler Allan Kardec, tem a crença do espiritismo, tem a reencarnação. Eu creio que isso realmente existia.

Luana (Entrevistador): Eu acredito não.

Nelcides: Eu também não. Eu penso que foi evoluindo. O ser humano foi evoluindo. Então cada um foi se cuidando do que pudesse. De não te atacar. Mas as crenças, as histórias de antigamente. Era muito legal. A gente parava para ouvir o pessoal. Espero que isso passa para as próximas gerações.